

A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EDUCAR NA CONTEPORANEIDADE

Eliane de Oliveira Rodrigues

Acadêmica do Curso de Educação Especial da UFSM. Bolsista de Iniciação Científica
PIBIC/CNPq
elility555@gmail.com

Adriane Melara

Acadêmica do Curso de Educação Especial da UFSM. Bolsista de Iniciação Científica
BIC/FAPERGS
drikka_mel@yahoo.com.br

Elvis Francis Furquim de Melo

Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – CE/UFSM
elvisfurquim@gmail.com

Amarildo Luiz Trevisan

Orientador. Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação do CE/UFSM e
pesquisador do CNPq.
amarildoluiz@terra.com.br

Resumo: Este trabalho parte de estudos feitos pelo projeto de pesquisa “A Pedagogia e as Novas Perspectivas Culturais: Imagem e Opinião Pública”, que trata de tópicos relativos à Filosofia da Educação. Percebendo que na atualidade, o campo cultural teve várias alterações: o visual e o efêmero tomaram lugar das vidas, com isto temos que conviver com estas mudanças culturais, considerando esta problemática desenvolvemos nossa pesquisa. A formação do humano na contemporaneidade acabou sendo esquecida, o domínio de técnicas, regras e rotinas idênticas levam toda a sociedade a pensar igual, a ter informações iguais, ou seja, a ser ou parecer um mundo hegemônico, onde todos vivem uma democracia perfeita. Objetivamos refletir deste modo sobre a “estetização do mundo da vida”, uma vez que esta situação está tomando proporções inimagináveis, o mundo de aparências, de encenações e de ficção perpassam todos os campos do mundo vivido. Husserl foi quem introduziu o conceito de mundo da vida, pois queria fazer uma crítica ao que acontecia em sua época: a razão objetivante que se tinha por verdade única. Esse mundo das experiências cotidianas foi introduzido para contrariar a idealização da natureza causada pela tecnização. Como se utilizou do conceito de *Lebenswelt* (mundo da vida) de Husserl, Habermas quer modificar um processo de *colonização do mundo da vida*, termo designado para determinar um novo substituto da dominação feita pelo capitalismo. Esta colonização resulta da razão instrumental que pretende converter tudo em mercadoria. Nesta perspectiva realizamos atividades que buscam reverter essa situação de estetização do mundo da vida, trabalhando

juntamente com docentes, já em atividades no sistema municipal de ensino. É uma atividade em que a universidade e a escola trabalham unidas com o objetivo de qualificar a educação e a formação de professores. O projeto vem desenvolvendo suas atividades com professores da rede Municipal de Ensino de Santa Maria-RS, realizando discussões em mini-cursos, sobre a cultura de imagens e suas implicações nos modos de vida dos indivíduos. A construção de oficinas com professores; trabalhos científicos aprovados em eventos da área; mini-cursos permitiram-nos fazer uma relação maior entre a teoria e a prática. Assim a Educação serviria para envolver dentro de suas atividades escolares o gosto estético-cultural que proporcionasse aos educandos a capacidade de construir uma opinião pública crítica que a cada dia contribua para o desenvolvimento intelectual da sociedade.

Palavras-chave: formação continuada, filosofia e mundo da vida

Considerações introdutórias:

Na atualidade, o campo cultural teve várias alterações: o visual e o efêmero tomaram o lugar da realidade. Em tempos e espaços de realidade virtual, a pluralidade dos indivíduos é considerada através de um processo governado pelo jogo da imagem e do signo, distribuídos de acordo com os critérios de mercado. A ênfase nas imagens, mais do que nas palavras, estabelece outras relações entre o sujeito e o conhecimento, proporcionando estilos fragmentados e experiências fugazes. Certamente que as novas formas referentes ao conhecimento, as experiências, as interações estão relacionadas com os meios de comunicação, com a alta tecnologia, com as indústrias da informação (buscando expandir uma mentalidade consumista, a serviço dos interesses econômicos) e com as maneiras de ser e de ter do homem contemporâneo.

Nesse novo modo de vida, as relações presenciais estão tendo muitos entraves para acontecer. A cada segundo podemos falar com pessoas diferentes, de lugares diferentes com a comodidade e rapidez que a internet nos oferece. Toda essa agilidade já contribuiu muito para a humanidade, os avanços são evidentes. Mas como fazer para a formação humana dos indivíduos acontecer em uma sociedade virtual? Que tipo de Educação se tem nesta nova realidade? É a partir destas indagações que partimos nossas pesquisas. Para assim entender o porquê de todas essas transformações que perpassam e modificam a realidade escolar, nosso trabalho vai à procura da reflexão e da discussão tão necessária às nossas vidas.

Com o intuito de incentivar na sociedade, e principalmente no campo da educação, a formação de um pensamento crítico e de interpretação do que acontece no contexto em que se vive, o projeto de pesquisa desenvolve suas atividades nessa temática. O projeto “*A Pedagogia e as Novas Perspectivas Culturais: Imagem e Opinião Pública*”, desenvolve oficinas pedagógicas, acompanhadas de leituras, com imagens, mini-cursos, publicações e palestras com professores e alunos de diferentes cursos, objetivando os novos modos de aprender e ensinar, a partir das potencialidades comunicacionais de diferentes meios tecnológicos.

A formação do humano na contemporaneidade acabou sendo esquecida, o domínio de técnicas, regras e rotinas idênticas levam toda a sociedade a pensar igual, a ter informações iguais, ou seja, a ser ou parecer um mundo hegemônico, onde todos vivem uma democracia perfeita. Nessa direção o comentário de Maffesoli: “De encontro ao sentido prevalecente na modernidade, a estética pós-moderna, mais ampla, não se limita às belas-artes ou às obras da cultura, mas contamina o conjunto da vida cotidiana e torna-se uma parte nada considerável do imaginário contemporâneo” (1997, p. 243).

Por isso a importância de nossas pesquisas sobre a “estetização do mundo da vida”, uma vez que esta situação está tomando proporções inimagináveis, o mundo de aparências, de encenações e de ficção perpassa todos os campos do mundo vivido. Husserl foi quem introduziu o conceito de mundo da vida, pois ele queria fazer uma crítica ao que acontecia em sua época: a razão objetivante que se tinha por verdade única. Esse mundo das experiências cotidianas, foi introduzido para contrariar a idealização da natureza causada pela tecnização. Como buscou resgatar o conceito de *Lebenswelt* (mundo da vida) de Husserl, Habermas quer modificar um processo de colonização do mundo da vida, termo designado para determinar um novo substituto da dominação feita pelo capitalismo. Esta colonização resulta da razão instrumental que pretende converter tudo em mercadoria. Assim a Educação serviria para envolver dentro de suas práticas escolares o gosto estético-cultural que, proporcionasse a capacidade de construir uma opinião pública crítica contribuindo para o desenvolvimento intelectual da sociedade.

Iluminismo e Crise da Razão

Vários autores estudados remetem que a humanidade está passando por uma crise da razão, esta reconhecida como um resquício do Iluminismo mal desenvolvido. A crise de que aqui falamos nada mais é que a expressão da irracionalidade humana frente a vida cotidiana que lhe é dada. Esse mundo repleto de facilidades faz com que o poder e o ter se tornem essências de qualquer ação. A falta de preocupação com o outro faz com que a racionalidade cada vez mais se torne instrumento para a competitividade, o lucro e a dominação dos mais desfavorecidos.

O Iluminismo tinha pretensão de livrar os homens da irracionalidade, libertando-os dos paradigmas religiosos e possibilitando a estes exercer a liberdade mediante a sua própria razão. Para os Iluministas, só a razão poderia libertá-los e emancipá-los, mas esta foi dando lugar a uma sociedade puramente racional que não dialoga a não ser por meio de técnicas que tornam os homens mais uma vez iracionais. A burguesia foi uma colaboradora nesta situação, dentro das expectativas de se sobrepor ao poder do clero e do antigo regime, os burgueses queriam que as técnicas fossem seguidas para conseguir enfim a emancipação da razão. Assim subjugavam a razão em suas diferentes formas, criando uma razão unidimensional que exclui qualquer outra forma de vida. A capacidade de dominar as técnicas para os burgueses traria uma ascensão social, assim eles influenciaram os demais para conseguir seus objetivos. O Iluminismo ao ter influência dos burgueses, ao invés de esclarecer a humanidade, acabou desencadeando no positivismo. O positivismo como expressão maior da científicidade trouxe um modo peculiar de explicar tudo por meio da razão, o que afetou a formação humana dos sujeitos. A relação sujeito-sujeito, dentro deste contexto é esquecida e o uso da razão fez com que acontecesse um processo de crise entre os indivíduos.

Esse irracionalismo é conformista há ponto de fazer com que os homens, de um modo geral, se abstêm da crítica necessária a razão. Com a razão instrumental, os fins justificavam qualquer meio utilitarista – Adorno explicaria isso como um argumento da Indústria Cultural, pois segundo esta só se produz em altas escalas um mesmo produto pela necessidade comum de consumidores acríticos. Esta nova razão usa o interesse individual e social para lidar com o *alter* e o que era para ser uma emancipação dos sujeitos tornou-se mais uma adequação as técnicas de manipulação social.

Rouanet (1987) no livro “As razões do iluminismo” procurou mostrar que o irracional é sempre repressivo e só a razão liberta. Assim seria necessário reformular o projeto iluminista, construindo uma razão capaz de crítica e auto-crítica. Razão crítica no sentido de ficarmos atentos as formas de poder e auto-crítica por saber de sua vulnerabilidade frente ao irracional. Esse olhar sobre os acontecimentos e a capacidade de refletirmos sobre nossas opiniões não faz parte da nossa formação cotidiana, cabe então a Filosofia a função de desbanalizar o que se tornou comum nas nossas vidas.

Assim a estetização do mundo da vida, por meio dessa crise acabou solidificando-se. O virtual, as aparências dominam nossa sociedade. Husserl acredita que o mundo da vida é o meio por qual passa qualquer ciência e o maior erro da humanidade, foi esquecê-la como parte fundante de qualquer conhecimento. Cabe a Educação repensar como formar o humano nesta realidade e proporcionar aos educandos uma nova percepção ética e estética de todo este emaranhado de informações que nos rodeiam.

A Indústria Cultural

Adorno e Horkheimer (1985) denunciaram a Indústria Cultural no livro *Dialética do Esclarecimento*, tentando trazer o debate do poder do capital nesta racionalidade tão preocupada com coisas universalistas, mas estranhamente individualista. O que surgiu primeiramente com o nome de Cultura de Massas, nada mais era do que o eterno equívoco de um esclarecimento manipulador. Com o termo “Cultura de Massas” pretendia-se ter uma hierarquia de baixo para cima, sendo que o que de fato acontecia era a continuação dos mais favorecidos no poder. Adorno denuncia que os meios de comunicação de massa transformam as atividades de lazer em um prolongamento do trabalho. Isso porque a indústria cultural promete ao trabalhador, através de suas atividades de lazer, uma fuga do cotidiano, e lhe oferece, de maneira ilusória, esse mesmo cotidiano como paraíso. Adorno rejeita, inclusive, a própria legitimidade da reflexão sobre a utopia, o que leva Habermas a classificar tal expressão de “hibernação”, ou seja, manter, a todo preço, a integridade do Espírito absoluto, impedindo sua transformação em práxis.

Para os autores a sensação de ser independente envolve muitas vezes o consumo. Para algumas pessoas somente as compras trazem a sensação de liberdade e satisfação. Mas, segundo os autores acima, o que acontece é a entrega deste indivíduo ao seu maior

adversário, o poder absoluto do capital. Adversário este que faz seus consumidores se entregarem cada vez mais ao consumo desenfreado de produtos, utilizados para satisfazer momentaneamente o seu desejo de comprar e a sua sensação de liberdade, e que muitas vezes são adquiridos somente por prazer, ou então representam a porta de entrada para tal classe social ou status que se deseja conquistar. A Indústria Cultural nos estabelece um modelo de cultura em que à identidade do universal e do particular se tornam uma falsidade.

O estilo da Indústria Cultural através do seu universalismo, “invade” cada vez mais a vida particular dos indivíduos, visando torná-la também universal. Com isso, este estilo se torna vazio, os pólos que antigamente eram opostos (universal *versus* particular) agora parecem não apresentar mais nenhuma distinção, podemos trocá-los sem que ocorram muitas alterações. Segundo Adorno (1985, p. 134) “a fusão atual da cultura com o entretenimento não se realiza como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão”.

Contrário ao pensamento de Adorno, Benjamin (1985) acreditava que o acesso das massas à obra de arte favorecia a democratização e a politização da cultura. A reproduzibilidade técnica para ele é um meio de democratização estética, mas para isso este reproduzir teria que manter sua originalidade. Com a invenção da fotografia a obra de arte perdeu sua aura, mas assim houve uma politização e democratização da arte. Hoje, a mudança da cultura conceitual para a imagética (da escrita para imagem), configura-se em uma nova atmosfera cultural, em que cabe a Pedagogia a tarefa de alfabetizar visualmente o aluno para que tenha um distanciamento crítico adequado. Essa nova forma de conhecimento pode encontrar sua justificativa em Jameson (2001), que aponta que a cultura atual não está presa na alta cultura, mas mesclada no cotidiano, nos nossos valores, que apenas são intensificados pelos meios de comunicação e difundidos com os produtos mercadológicos. Para ele a conversão de relações sociais em objetos inerentes e congelados resulta no fenômeno da reificação. Os signos são libertos de sua função de referir-se ao mundo, o que produz a expansão do poder do capital no domínio do signo, da cultura e da representação. Por um lado, com a instrumentalização da razão ocorre a homogeneização das necessidades da sociedade e uma consequente alteração na identidade cultural. Por outro, o receptor está consciente da presença das imagens banalizadas, porém apresenta

uma carência de uma postura crítica e reflexiva frente o que lhe é permanentemente exposto.

Mundo da vida

O estudo do mundo da vida, por Husserl começou quando este percebeu uma crise na humanidade, com ênfase na realidade européia. Na época em que Hitler liderava o nazismo, em 1933 Husserl foi proibido de se manifestar em público. Mesmo sendo seu próprio país, Husserl tinha sangue hebreu e por isso teria de calar-se frente a maior irracionalidade que colocou em xeque o campo cultural e político da Alemanha. Ainda que tivesse este entrave na sua manifestação, Husserl não parou de refletir e analisar a crise das ciências européias.

Na fase da crise, Husserl buscava distinguir o mundo da vida do mundo das ciências. A *Lebenswelt* seria um mundo pré-científico que dá base para todo e qualquer cientificismo. Sendo assim se o mundo da vida não for considerado dentro das ciências objetivas, esta última perderá seu sentido. A crise das ciências objetivas para Husserl aconteceu devido ao esquecimento do mundo da vida como origem e fundamento de qualquer ciência. O caminho para chegar à fenomenologia transcendental é através deste mundo, já que ele é que traz a essência de qualquer essência. Reduzir o mundo da vida colocá-lo entre parênteses leva-nos a refletir sobre a própria existência e sentido deste mundo. A subjetividade que o *Lebenswelt* traz a tona é uma forma de comprovarmos que existe algo anterior à objetividade. Nesse mundo é que surge a formação de nossos sentidos. O homem é o centro da *Lebenswelt* e é nesta perspectiva que para Husserl o humanismo voltará a prevalecer frente ao objetivismo, uma vez que a subjetividade terá um enfoque acentuado.

Na década de 70, Habermas parte em busca dos estudos relativos a sua teoria do agir comunicativo e na conceitualização do mundo da vida. Nossa pesquisa então trabalha na perspectiva da concepção de mundo da vida utilizada por Habermas, onde se considera que os sujeitos agem comunicativamente, assim recebem o auxílio de um saber presente no horizonte do mundo da vida que lhes dão os recursos para os processos de interpretação em situações de ação.

Em nossa pesquisa como enfocamos o conceito de mundo da vida para Habermas, destacamos que este ao utilizar o termo Lebenswelt de Husserl e Schütz, e Lebensform, de Wittgenstein, tenta emancipar as ciências sociais através do estabelecimento de um modo metodológico específico destas ciências, diferenciando-as dos modelos até então usados pelas ciências naturais, culturais e humanas. No que se refere ao que Husserl entendia por mundo da vida, Habermas vê como uma possibilidade de encontrarmos elementos para reconstruir um ato comunicativo transformando em informações sociais mensuráveis. Mas nessa possibilidade percebe que a alteridade e a linguagem não foram introduzidas como formadoras da intersubjetividade de quem participa de um ato social. Quando insere Wittgenstein com seu conceito de Lebensform, Habermas acredita que as regras é que validam a relação de dois sujeitos intersubjetivamente. Assim tenta unir a fenomenologia de Husserl e Schütz e o jogo de linguagem de Wittgenstein. Para Habermas o mundo da vida se contrapõe ao mundo do trabalho, pois este último fica reificado dentro de uma sociedade capitalista extremamente racional.

Com o intuito de retomar questões marxianas do fetichismo mercantil, Habermas expõe a “colonização do mundo da vida” que é o processo de dominação material capitalista pela razão técnica, que instrumentaliza qualquer atitude, tanto de forças de produção quanto nas relações transformando tudo em mercadoria. A estetização do mundo da vida causada pela pluralidade de valores, por uma razão descentrada entre outros fatores, faz a estética e a ética serem pensadas quando se fala em Educação. Esse mundo de virtualidades e facilidades torna a estética vulnerável a manipulações, e deste modo só a ética entrelaçada a ela pode ajudar numa verdadeira estetização e não numa superficialidade ao extremo.

Imagens e Educação: a Filosofia dentro da formação continuada de professores

O projeto de pesquisa parte do predomínio da cultura da imagem na atualidade, como um aporte relevante e emergente para uma outra forma de pensar e praticar a educação. Além disso, uma imagem veiculada pelos meios de comunicação pode ser um ponto de partida e/ou em comum para desenvolver certo conteúdo em sala de aula, considerando a subjetividade de cada aluno. Logo, a utilização de imagens na prática educativa, tanto as produzidas pela formação cultural, através de metáforas, alegorias e

metonímias, quanto àquelas produzidas e veiculadas pelas mercadorias culturais (símbolos, ícones e signos), pode encaminhar para desencadear formas singulares de criação e de intervenção crítica na realidade ao qual o sujeito está inserido.

Ao realizar diversas de atividades, buscamos encontrar uma maneira como a educação pode ostentar compromissos mais enfáticos com a idéia de formação da opinião pública crítica, considerando o universo imagético da cultura. Acreditamos, por hipótese, que esse é um dos aspectos que está na raiz do atual descrédito da discussão sobre as teorias da educação. Pois elas, induzidas pelo paradigma da transformação cega da natureza e da sociedade, aderiram, por vezes, a vocabulários fechados e excluidentes, concentrados excessivamente no aspecto conceitual da cultura. Esses discursos negam a alteridade e as diferenças das formas contemporâneas de expressão, como o universo da imagem e da estética. Para evitar tal viés equivocado, procuramos compreender a Filosofia da Educação através de estruturas mais profundas em que se apóia o saber pedagógico, isto é, a partir das grandes mudanças de paradigmas. Com isso, propomos repensar os esquemas pedagógicos que balizam a educação do ponto de vista das grandes perspectivas que orientam a cultura, uma vez que se faz mister empreender um recuo hermenêutico na forma de encarar o problema.

Habermas se baseia nas condições comunicativas nas quais pode ocorrer uma formação discursiva da vontade e da opinião de um público formado pelos cidadãos de um Estado. Retoma o projeto histórico-filosófico da modernidade atribuindo a opinião pública a função de legitimar o domínio político por meio de um processo crítico de comunicação sustentado nos princípios de um consenso racionalmente motivado. Assim o consenso social deriva da *Ação Comunicativa*, ou seja, uma orientação que responde ao interesse cognitivo por um entendimento recíproco. Habermas propõe o desenvolvimento de um espaço público que integre o sistema político, os sistemas dos meios de comunicação de massa e a opinião pública dos cidadãos. De acordo com seu ponto de vista a linguagem é concebida como garantia de democracia, isto é, um livre processo de comunicação com fins a alcançar acordos consensuais em decisões coletivas.

Um ponto a ser ressaltado nesta teoria, é de que Habermas (1987) vê a imagem como uma promotora da interação entre os homens e que na ação comunicativa os indivíduos poderão colocar suas idéias em debate. Esse modo de pensar, traz o homem para a discussão, o torna independente e crítico. A herança socrático-platônica tornou o homem inoperante dentro da sociedade, já que a crítica não fez parte de sua formação. O homem sendo um ser social precisa ser autônomo em suas atitudes e é isto que a teoria da ação comunicativa propõe, o homem comunicativo e com voz dentro de sua sociedade.

A instituição escolar tem como função formar os indivíduos de maneira a tornarem-se cada vez mais agentes sociais criativos e dinâmicos, participantes das transformações do seu tempo. A escola não pode ignorar o volume de informação proporcionado pelos meios audiovisuais, já que praticamente, os saberes cotidianos socialmente significativos formam parte do contexto sociocultural do aluno na compreensão de sua realidade.

Considerações finais:

A estetização do mundo da vida, por meio da crise da razão acabou solidificando-se. O virtual, as aparências dominam nossa sociedade. Husserl acredita que o mundo da vida é o meio por qual passa qualquer ciência e o maior erro da humanidade, foi esquecê-la como parte fundante de qualquer conhecimento. Considerando-se esta perspectiva, destaca-se a importância do uso de imagens culturais (tão difundidas por diversos meios de comunicação), tanto na universidade quanto na comunidade escolar, sendo utilizadas como ferramentas pedagógicas e mediadoras entre diferentes realidades, desenvolvendo competências de leitura e criticidade.

Acreditamos que se deve repensar como formar o humano nesta realidade e proporcionar aos educandos uma nova percepção ética e estética de todo este emaranhado de informações que nos rodeiam. Assim a Educação serviria para envolver dentro de suas práticas escolares o gosto estético-cultural que, proporcionasse a capacidade de construir uma opinião pública crítica contribuindo para o desenvolvimento intelectual da sociedade.

Pretende-se com esse trabalho a formação de um homem que interage e faz parte da construção de sua sociedade. Um ser crítico tem muito mais possibilidades de se fazer

ouvir, podendo construir um mundo diferente e menos manipulador. Sabemos que a dominação que a publicidade faz ao trazer imagens e coisas apelativas, não colabora para um desenvolvimento da sociedade de forma democrática, mas produz um gerenciamento direto de modos de pensar. A Indústria que se formou através do consumo desenfreado de produtos, fez com que valores tão indispensáveis também virassem um bem mercadológico. A importância deste trabalho no campo da educação se torna muito significante.

Referências Bibliográficas:

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas.** Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica.** Para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia.** Introdução e tradução de Urbano Ziles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- JAMESON, F. **A cultura do dinheiro:** Ensaios sobre a globalização. Trad. de Maria Eliza Cevasco e Marcos César de Paulo Soares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **A transformação do político:** a tribalização do mundo. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.